

Retrato post-mortem

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

O Auto-Retrato de Bakun - Direção: *Silvio Back*. Pesquisa e Roteiro: *Silvio Back e N.N. Padrella*. Fotografia e Câmera: *Adrian Cooper*. Som Direto: *Romeu Quinto*. Montagem e Edição: *Laércio Silva*. Produção Executiva e Assistência de Direção: *Maraidit Flores*. Produção: *S. Back Produções Cinematográficas / Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná*. Distribuição: *Embrafilme*. Duração: 43 min. 1984.

Será que um artista se mata porque ganhou como prêmio uma caixinha de tintas, e não uma láurea mais brilhante? Não que esta seja a tese, propriamente, do documentário de Sílvio Back *Auto-Retrato de Bakun*, sobre um pintor paranaense cuja mística está em ascensão, e que se suicidou em 1963, aos 54 anos. Mas na investigação que faz sobre a vida — mais que a obra — de Miguel Bakun, Back deixa entreaberta essa porta. A caixinha de tintas (ou era de lápis de cor? o filme menciona as duas versões) existiu realmente. Ao recebê-la, por sua participação em um salão onde outros obtiveram coisas bem melhores, Bakun comentou com a família: “Estão-me mandando de volta para a escola”. Pouco depois se matou. O documentário estabelece esse elo, e talvez jogue muita ênfase sobre ele. Afinal, Bakun agiu pelo único e mesmo motivo por que age o suicida: um forte desequilíbrio psíquico em que Tântatos se torna mais forte do que Eros. O resto são acidentes.

Mas o empenho de Sílvio Back, sem dúvida, foi “aquecer” seu filme, de maneira a escapar à fórmula antiga e chatíssima da quase-totalidade dos filmes sobre arte: um discurso teórico, quase sempre em linguagem para ser lida e não ouvida, ilustrado por quadros e imagens de arquivo, e sem qualquer humanidade. Pode-se até dizer que, aqui, é o contrário — e que o fato de Bakun ter sido artista não foi a motivação prioritária nem o eixo de atenção do cineasta. No fundo, ele procurou muito mais pesquisar um homem e sua circunstância, uma personagem evidentemente trágica, cer-

cada pelo mórbido fascínio que envolve o suicida. Por isso, a obra pictórica de Bakun aparece pouco, e de maneira assistemática. Parece-me difícil, a partir do filme, formar um conceito definitivo sobre a qualidade e o significado do pintor. E os depoimentos também se concentram mais no produtor que no produto.

A grande bolação de Back, aliás, está justamente na sua seleção de depoentes. Amigos, familiares, críticos, outros artistas, todos eles eram testemunhos esperáveis nesse tipo de processo. Mas Back trata de trazer para a frente de suas câmaras... Miguel Bakun. E o faz através de dois recursos. O primeiro, mais convencional, consiste em colocar na boca de um ator (que aliás é um pintor) conceitos enunciados em outros tempos por Bakun. O segundo, absolutamente anticonvencional, é a descoberta de uma médium que fala pelo artista morto, na primeira pessoa, e analisa sua vida, seu trabalho, seus porquês, e o desenlace. A idéia é brilhante, mesmo que os resultados não possam ser levados inteiramente a sério.

Pois nem o autor do filme, presumivelmente, acreditou muito na autenticidade da testemunha. Nenhum efeito de linguagem é usado para enfatizar o que poderia ser algo de magia ou transcendência: a médium fala prosaicamente (e, na medida em que o filme avança, cada vez com maior desembaraço, no fim olhando candidamente para a câmara), num ambiente prosaico, num enquadramento plano, numa iluminação despida de artificios. Por um lado, isso é honesto. Mas por outro, será que a honestidade é a verdade e a eficácia estilística? Lembro-me de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente”. Analogamente, o cineasta. Se Back quisesse, poderia ter tornado mais verossímil a mediunidade de sua médium, trabalhando estilisticamente a favor disso. Ao optar por não fazê-lo, deixa evidente o caráter artificioso e o texto quase empostado com que o pretense Bakun se apresenta *post-mortem* a nossos olhos.

Mas não há dúvida de que o resultado é curioso, e como num mosaico as diversas visões fragmentárias vão-se compondo até fornecer uma imagem inteligível. Pelos amigos, pelos quadros, pelas outras personagens, e até pela médium — cujo discurso, é claro, reflete afinal um conceito sobre Bakun que ela apreendeu de alguma forma —, vamos tendo uma idéia clara do retratado. Delineia-se a dura circunstância de um artista da província, que, por temperamento, quer-se manter alheio às modas do momento (permanecendo figurativo quando a maré vira abstrata), e que vai deixando, por isso, de receber os principais prêmios dos salões. Delineia-se uma dúvida ainda mais dolorosa: o possível drama de um pintor de talento, e sensibilidade humana bem acesa, mas sem a centelha criativa que lhe permitiria dar, de fato, o salto. Repito que a obra pictórica mostrada em *Auto-Retrato de Bakun* é



Miguel Bakun

pouca para um julgamento de valor sobre o artista. Mas, meio temerariamente, e com base também no perfil bastante amplo do ser humano, acho possível uma conclusão talvez inflexível: Bakun se matou porque não era suficientemente grande como pintor — nem suficientemente míope para não o perceber. E este é o

maior mérito do filme de Sílvio Back: pôr à tona, e em discussão, conflitos desse porte, insolúveis e eternos.

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO é jornalista e cineasta.
